

RESENHA

Rose Skripka N. Gabriel¹

Instituto Sedes Sapientiae – SP

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

Esta obra, dedicada ao ofício da educação, realizada pelo filósofo, antropólogo e sociólogo francês Edgar Morin, em tempos de pandemia torna-se mais viva e penetrante do que nunca, pois é considerando o próximo como um ser importante em sua multivariada e participação ativa na construção do conhecimento que poderemos avançar na aprendizagem e no enfrentamento de dificuldades.

No primeiro capítulo, o autor descontrói a ideia de possibilidade de uma educação na qual os elementos que a constituem surgem imperturbáveis diante da crítica, na qual não se abre espaço para reformulações em sua lógica. Na concepção do autor, os tipos de erros que grassam no meio educacional são trazidos como se fossem alertas, sobrepujando os preconceitos e julgamentos superficiais. O capítulo **“As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão”** aponta as facetas do erro na interpretação do conhecimento. Os erros mentais, advindos da associação do sistema neuro cerebral às interpretações que nos são mais convenientes, desembocam nos erros intelectuais, que constroem o saber pautado em elementos que suscitam menos desconforto. Os conceitos paradigmáticos tornam-se então matrizes que privilegiam certos conhecimentos em detrimento de outros, havendo um afastamento dos padrões que abarcam a complexidade da vida.

As ferramentas para a quebra dos velhos paradigmas são a educação e o conhecimento científico pautados na crítica e na autocrítica, que impulsionam a criação de novos conhecimentos.

No capítulo dois, **“Os princípios do conhecimento pertinente”**, Edgar Morin sustenta a necessidade do contato com o saber de forma que os indivíduos possam aplicar sua inteligência mais basal, como a curiosidade. Na mesma medida, propõe que o ser humano pode ser compreendido no entrelaçamento de diversos âmbitos, tais como o biológico, o psíquico, o social, o afetivo e o cognitivo. Ao mesmo tempo, numa dimensão macro, as sociedades são expressas pela história, a economia, a sociologia e a religião. Acontece que há uma prática comum de renunciar aos problemas globais nas ciências disciplinares. Desta forma, a compartimentalização das disciplinas e da inteligência acarretam desvantagem na busca por soluções de problemas, uma vez que tenta separar o que está unido de forma entrosada.

O autor defende no capítulo três, intitulado **“Ensinar a condição humana”**, que se faz imprescindível na educação para o futuro a ligação do conhecimento das ciências naturais, nas quais estão registradas nossas condições de animalidade, com a cultura, que é o conjunto de manifestações humanas produzidas pela convivência em sociedade.

¹ Rose Skripka do Nascimento Gabriel, psicóloga, psicopedagoga, mestre em Psicologia da Saúde.